ANO 2 - NÚMERO 14 - DEZEMBRO 2015

Xapuri
SOCIOAMBIENTAL

R$ 9,90

ISSN 2359-053x

A AGONIA DO RIO DOCE
HORA DE APRENDER

LITERATURA
RIOZINHO,
VOCÊ É MINEIRO, UAI!
p. 15

MEMÓRIA
THIAGO CANTA CHICO MENDES
O SONHO QUE CRESCE NO CHÃO DA FLORESTA
p. 16

ECONOMIA CRIATIVA
CO-CRIAÇÃO VIRTUAL
UM NEGÓCIO EM EXPANSÃO
p. 20

O BRASIL
AVANÇA COM
PESCA SUSTENTÁVEL

Para valorizar a pesca artesanal, garantir os direitos dos pescadores e a proteção do meio ambiente, o Governo Federal está fazendo uma revisão da atividade da pesca artesanal no país. Entre as ações previstas estão as análises do Registro Geral da Atividade Pesqueira, dos períodos do Defeso e de tudo que envolve essa atividade tão importante para o pescador, para a sociedade e para o meio ambiente.

É o Governo Federal trabalhando para o Brasil avançar.

QUER SABER MAIS? LIGUE 0800 704 1995.

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

PÁTRIA EDUCADORA

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Gostei muito da revista, porque além de abordar temas que por muitas vezes são negligenciados pela mídia, faz isso com uma linguagem simples e repleta de informações interessantes. Já na contracapa da edição de aniversário [outubro /2015], a revista chamou nossa atenção com o trecho de "O Apanhador de Desperdícios", de Manoel de Barros. #cerrado #informação ***Leovigildo Santos @leovigildo26, Gurupi – Tocantins.***

Laurinha (minha pequena) e eu estamos curtindo bastante a revista! Fiquei muito emocionada ao ler a matéria Outubro Rosa [edição 12 – outubro/2015]. Muita paz, luz e amor para vocês... ***Tatiana Hiramatsu, professora e tradutora. Brasília – Distrito Federal.***

Com tanta violência e intolerância, ainda posso acreditar num mundo melhor, por isso venho agradecer a Zezé Weiss e equipe, pelo belíssimo trabalho que vêm realizando através da revista Xapuri, e a Antônio Athias e Maya Athias (e ao incentivo de seus pais) pela doação da assinatura dessa revista maravilhosa para a Escola Municipal Izaíra Machado de Freitas Camargo. A revista Xapuri vem para somar com a nossa educação. Nosso muito obrigada. ***Adriana Fonseca Martins, vice-diretora da escola Izaíra. Formosa – Goiás.***

Oi, companheiros e companheiras da revista Xapuri. Muito obrigada pelo envio da revista. Excelente trabalho. Gostei muito da forma de abordagem e da diversidade dos temas. Parabéns! ***Maria Sirley dos Santos, Santos – SP***

Espetacular o trabalho de vocês! ***Eduardo Henrique Jr. @Viva. Caatinga, Floresta – Pernambuco.***

A economia solidária é uma nova forma de economia que acontece como meio de inclusão social, formando e firmando novas consciências. Xapuri, bem oportuno este assunto [Por uma nova economia... edição 13 – dezembro/2015]. Carlos Caridade, parabéns pela abordagem! ***Marinalda Aparecida, Luziânia – Goiás.***

A revista é sensacional, e as matérias excelentes! Parabéns! ***Naila Junqueira @nailamjunqueira, Brasília – DF***

Minha revista chegou! Estou adorando! ***Erlen da Matta, Brasília - Distrito Federal.***

POR ONDE ANDA A

Xapuri

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA ANUAL
12 EDIÇÕES

R$ 95,00

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

As decisões adotadas pela 21ª Cúpula do Clima, com a participação recorde de 195 chefes de Estado, têm a força de recomendações que serão seguidas ou não nos planos nacionais. O aquecimento global já prenuncia mudanças físicas de dramáticas proporções, como até mesmo a submersão de países localizados em ilhas.

Fica cada vez mais claro que a preservação da vida no Planeta, inclusive a dos humanos, não deve depender do interesse econômico. As ações demandadas pregam a sustentabilidade, e esta não será assegurada apenas por governos, pois envolve todos, do mais humilde vivente ao mais rico empresário, das relações entre as nações às ações cotidianas de cada ser.

O entupimento de bueiros, causa de enchentes, decorre em grande parte do lixo jogado por nós mesmos em áreas públicas das nossas cidades. O regime de chuvas e dos cursos d'água muda em função do desmatamento ganancioso, imprudente e até irresponsável. E desastres ambientais no mais das vezes têm origem na imprevidência.

É disso que trata o tema de capa desta edição de Xapuri, a última deste 2015 que se esvai. O rompimento de barragem de resíduos em área de mineração em Minas Gerais, que mudou o cenário e a vida em todo o vale do Rio Doce e adentrou o Oceano Atlântico, reaviva este debate. Afinal, que desenvolvimento queremos?

Mas, nas páginas seguintes, os amigos e amigas que nos leem encontrarão muito mais. O meio ambiente no currículo escolar, o turismo nas áreas Pataxó, na Bahia, o canto das cigarras, Chico Mendes nos versos de Thiago de Mello e os artigos de nossos colunistas são alguns exemplos.

Desejamos a todos e todas encantadoras festas de fim de ano e um 2016 repleto de alegrias.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

“O menino tinha certeza
de que havia nascido
no dia em que viu o rio.
Na sua memória,
não havia nada antes daquele dia.
O menino amou o rio
pois acreditou que o rio
também havia nascido
no dia em que ele o viu.”

Ziraldo. *Menino do Rio Doce*.
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

COLABORADORES/COLABORADORAS DEZEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo e Antropólogo; **Anderson Blaine** – Web Designer; **Antenor Pinheiro** – Jornalista; **Daniel Gaio** – Secretário Nacional de Meio Ambiente da Central Única dos Trabalhadores (CUT); **Eduardo Pereira** – Produtor Cultural; **Elvira Nascimento** – Fotógrafa; **Iêda Vilas-Bôas** – Doutoranda em Literatura, Escritora; **Jacy Afonso** – Sindicalista; **Jaime Sautchuk** – Jornalista, Escritor; **Jéssica Ferreira** - Fotógrafa; **Lenny Lima** – Artista Visual e Designer; **Leonardo Boff** – Filósofo, Teólogo, Escritor; **Leonardo Merçon** - Fotógrafo; **Lúcia Resende** – Mestra em Educação; **Olímpio Cruz** - Fotógrafo; **Nina Simões** – Artista, Musicista; **Rogério Alves** - Fotógrafo; **Tatiana Hiramatsu** – Professora, Tradutora; **Thaís Maria Pires** – Jornalista; **Thiago de Mello** – Poeta, Tradutor; **Zezé Weiss** – Jornalista Socioambiental.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Altair Sales Barbosa
4. Binho Marques
5. Cássia Oliveira
6. Graça Fleury
7. Jacy Afonso
8. Juan Pratginestòs
9. Marcelo Manzatti
10. Neusimar Coelho
11. Priscila Silva
12. Socorro Alves
13. Ronei Alves
14. Rui Faquini

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 3718-3232. **E-Mail:** revista@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. **CNPJ:** 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – **CEP:** 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Zezé Weiss (61) 9974-3761; Lúcia Resende (61) 84046128. **Edição:** Jaime Sautchuk (61) 9918-0983; Zezé Weiss (61) 9974 3761. **Capa:** Foto Rogério Alves/TV Senado; **Revisão de Textos:** Iêda Vilas-Bôas e Lúcia Resende. **Revisão de design:** Eduardo Pereira. **Produção:** Zezé Weiss. **Jornalista Responsável:** Thais Maria Pires - 386/GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. **Tiragem:** 20.000 exemplares. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira – Produtor Cultural; **Circulação:** Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Tocantins. **Revista Web** - Todo o território nacional. **ISSN 2359-053x.**

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 14 DEZ 15

10 **CAPA**
A agonia do Rio Doce
Hora de aprender

40 **LENDAS BRASILEIRAS**
O Uirapuru

34 **PERFIL**
Luis Nassif
Com choro e sem vela

42 **AGROECOLOGIA**
Rio Araguaia

38 **MEIO AMBIENTE**
Meio Ambiente na escola

45 **URBANIDADE**
Ruas de ninguém

13 **CURTAS**

15 **LITERATURA**
Riozinho, você é mineiro, uai!

16 **MEMÓRIA**
Chico Mendes
O sonho que cresce no chão da floresta

18 **CULTURA ECOLÓGICA**
Por que cantam as cigarras

20 **ECONOMIA CRIATIVA**
Co-Criação Virtual
Um negócio em expansão

23 **SUSTENTABILIDADE**
Cuidado: o Ethos humano

24 **ECOTURISMO**
Sul da Bahia
Povo Pataxó recebe turistas em aldeias

26 **EDUCAÇÃO**
Organizações Sociais na Educação

28 **GASTRONOMIA**
Paçoca de carne-seca

32 **DIREITOS HUMANOS**
A essência da radical dignidade

37 **TECNOLOGIAS SOCIAIS**
Inovação premiada

A AGONIA DO RIO DO
HORA DE APRENDER

Jaime Sautchuk

Fotos: Jardim da Penha Online, Leonardo Merçon, Elvira Nascimento - Revista Caminhos Gerais

Dos rios brasileiros, o São Francisco e o Doce, dois vizinhos mineiros, foram os que mais apanharam dos colonizadores que por aqui aportaram há cinco séculos. Mas estavam vivos, pelo menos. Agora, com o frio soterramento do Rio Doce de tantas histórias pelos rejeitos da mineração, nos restam como herança alguns ensinamentos sobre o desenvolvimento que queremos.

A exploração mineral é uma atividade econômica que pode conviver, em determinadas circunstâncias, com a preservação do meio ambiente e da qualidade de vida nas regiões onde ocorrer. No caso de Mariana, contudo, ficou claro que o desenvolvimento proposto pela mineradora Samarco, que ali explora minério de ferro, nada tem de sustentável, por mais flexível que possa ser esse conceito.

O rompimento de duas barragens de resíduos minerais contaminados, com a morte de trinta pessoas e outros danos gigantescos não alterou a vida apenas de dezenas de municípios mineiros e capixabas banhados pelo Rio Doce. A lama percorreu os mais de 600 km daquele curso d'água e chegou ao Oceano Atlântico, numa região considerada santuário ecológico, de grande importância à pesquisa e proteção da vida marinha.

A gravidade do estrago que está ocorrendo gerou um comunicado da Organização das Nações Unidas (ONU), criticando as medidas adotadas pela empresa mineradora na contenção da densa lama que desceu o rio e entrou mar adentro. Porta-vozes da entidade nos campos de meio ambiente, produtos tóxicos e direitos humanos classificaram as tentativas de refreio de fracas, demoradas e ineficientes. E sobrou também para o governo brasileiro, por não impor mais rigor nessas ações.

DESPREPARO

Desde o primeiro dia, quando o lodaçal atingiu o rio Gualaxo do Norte e a área urbana

da vila de Bento Rodrigues, o distrito de Mariana mais próximo, ficou claro que sequer um plano de emergência a empresa tinha. A comunidade foi avisada por ela própria, quase aos gritos, e teve a sorte de o impacto avassalador ter ocorrido durante o dia. Os mortos poderiam ter sido centenas. E a localidade foi arrasada por completo.

Em várias outras vilas, a enxurrada de lama cobriu e destruiu tudo. Habitações, escolas, lojas comerciais e igrejas não poderão ser reconstruídas nos mesmos locais, pois o terreno mudou completamente e ninguém sabe prever ao certo como vai ficar com o passar do tempo. A mortandade de peixes, que foi enorme, seria uma maneira de avaliar o impacto, mas, certamente, toda a flora e a fauna das áreas assoladas nunca mais serão as mesmas, caso reapareçam.

Cientistas de universidades e centros de pesquisa brasileiros e de outros países podem até discordar em alguns pontos específicos, mas todos são unânimes na avaliação de que este foi o maior desastre ambiental já ocorrido no Brasil. Aquele ecossistema foi abalado com uma gravidade tal que se tornou impossível qualquer prognóstico do que vai ocorrer, a começar pelo assoreamento do Rio Doce e o sumiço de nascentes que o alimentavam.

As cidades da região cortada pelo Doce sempre dependeram do rio até como via de locomoção, mas principalmente como fonte de água potável. Após a avalanche de lama, porém, a aparência do rio deixou de ser atraente até mesmo pra lavar roupas ou carros, quanto mais pra ser bebida. E os exames dos mais diversos órgãos de saneamento, nas três esferas de poder, tampouco recomendam o uso.

Em muitos casos, há evidências de que os metais e produtos usados na purificação do minério, que fazem parte desse lodo, tenham afetado o lençol freático, pois a água de poços e cisternas também mudou. Há, de qualquer forma, esperança de que, com o tempo e com tratamento mais apurado, seja possível voltar a usar normalmente aquele líquido.

As comunidades ribeirinhas, que tinham no peixe uma fonte de alimento, porém, estão desesperançadas com a devastação geral ocorrida. Entre esses moradores estão várias comunidades de índios da etnia Krenak, que habitam aquela região desde antes da chegada dos portugueses ao território que veio a ser o Brasil.

OCEANO ATLÂNTICO

Quando a pororoca ao contrário chegou ao oceano, mais visível aos olhos do mundo inteiro, a incompetência foi ainda mais gritante. Uma empresa contratada pela mineradora esticou cordões infláveis de isolamento, normalmente eficientes na contenção de petróleo, por exemplo, que fica na superfície. Descobriram, então, que a lama é mais densa e afunda, de modo que o sistema não funciona.

Assim, as ilhas na costa do Espírito Santo, conhecidas pela variedade de espécies marinhas que abrigam, foram atingidas em cheio. E mesmo no continente, na área do projeto Tamar, destinada à proteção de tartarugas marinhas. As tartarugas depositam seus ovos na areia das praias, em áreas que as equipes do Ibama e até de voluntários os protegem contra predadores. Mas, da lama trazida de volta pela maré, ninguém consegue proteger.

Tampouco a empresa mineradora tem demonstrado qualquer possibilidade de medir a extensão do estrago mar adentro. Este trabalho se transformou, em verdade, na primeira grande tarefa do recém-adquirido navio oceanográfico da Marinha Brasileira. É um completo e moderno laboratório flutuante, que está entre os mais avançados do mundo. Mas, de todo jeito, o que seus pesquisadores podem fazer é medir os efeitos do lamaçal que avança pelo mar, pois não podem contê-lo.

MULTAS E MITIGAÇÃO

A empresa Samarco tem sua sede no Canadá, mas é subsidiária da brasileira Vale (ex-Companhia Vale do Rio Doce – CVRD, quando era estatal) e da anglo-australiana BHP. Ela já recebeu multas pesadas do Ibama e de outros órgãos governamentais e se comprometeu a depositar R$ 1 bilhão em uma conta que será gerida por um conselho composto por representantes das prefeituras das cidades atingidas, dos governos estadual e federal, do Ministério Público, entre outros.

Por mais vultosos que pareçam os recursos, eles não irão repor o habitat destruído, especialmente o Rio Doce, já dado por muitos especialistas como morto. Servirão apenas como mitigação, uma compensação pelo mal praticado. Pagar por danos causados, construir novas aglomerações urbanas e financiar as tentativas de recuperação das áreas degradas são algumas das destinações a serem dadas a esse dinheiro.

Mas, isso tudo com muitas idas e vindas, com interferência da Justiça e até de organismos internacionais. A Samarco chegou até mesmo a tentar repartir sua responsabilidade no episódio com o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), subordinado ao Ministério de Minas e Energia. No entanto, o órgão é responsável por fiscalizar o cumprimento das normas que regem o setor, nada tendo a ver com a execução da atividade de mineração. E à mineradora, cabe conhecer e respeitar a lei.

Aliás, o episódio chamou a atenção do País ao projeto de um novo Código de Mineração, que está tramitando no Congresso Nacional e que tem a marca das empresas mineradoras. Evidência maior disso é o fato de que, dos deputados que tratam do tema, 17 tiveram suas campanhas eleitorais financiadas por essas empresas, inclusive as de Mariana.

Um desses parlamentares é o próprio relator do projeto, deputado Leonardo Quintão (PMDB-MG), o que ele confirma. Assim, a nova norma geral do setor está ficando bem pior que o Código em vigor, que é de 1967. Ao retirar seus artigos 119 e 133, por exemplo, desqualifica mananciais e áreas de proteção ambiental e afirma que, em terras onde houver minérios, a prioridade será minerar.

Ou seja, mantém e até aprofunda alguns conceitos que predominam no setor mineral brasileiro, que passam longe de qualquer desenvolvimento que se possa chamar de sustentável, como é o caso da mina da Samarco. Há décadas, a única relação que a empresa mantém com o meio ambiente de Mariana é a de empregar trabalhadores da região. A qualidade de vida dessa gente, como se vê, é outra história.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

UM CRIME ANUNCIADO

Na quarta-feira, 11 de novembro, visitei Bento Rodrigues, em Mariana – MG. Encontrei um cenário dramático que poderia e deveria ter sido evitado.

Encontrei também uma população muito preocupada com a possibilidade de nova tragédia, na barragem Germano, de proporções ainda maiores, e com o risco de ainda mais mortes e de mais desemprego.

Essa catástrofe não somente afeta a vida das pessoas, com mortes e centenas de desabrigados. Penaliza os que dependem dos rios, que sofreram danos irreparáveis, e traz prejuízos às populações de muitas cidades.

Provoca, ainda, uma calamidade econômica e social, com a suspensão das atividades da empresa e a ameaça de desemprego que ela impõe às trabalhadoras e aos trabalhadores diretos e indiretos da região.

Outro dano irreparável provocado pelo rompimento das barragens é a morte do Rio Doce. Centenas de cidades dependem do rio e não terão acesso ao abastecimento de água, por causa da contaminação irreversível de uma das maiores bacias hidrográficas do Brasil.

O que aconteceu em Mariana foi um crime anunciado, causado inclusive pelo aumento da extração. O risco de rompimento de barragens da Samarco foi alvo de alerta em 2013, quando uma instituição particular realizou um estudo na região a pedido do Ministério Público Estadual (MPE).

A Samarco é uma empresa bastante lucrativa, controlada em partes iguais pelas duas maiores mineradoras do mundo: BHP Billiton e Vale S.A. Essa não foi a única catástrofe envolvendo barragens de rejeitos. De 2001 a 2014, seis rompimentos provocaram mortes e devastação no estado de Minas Gerais.

Estamos alerta, para que os responsáveis sejam devidamente punidos e as famílias tenham todos os seus direitos assegurados.

Daniel Gaio
Secretário Nacional de Meio Ambiente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), após visita a Mariana no dia 11 de novembro de 2015.

PARQUE NACIONAL SIERRA DEL DIVISOR

Foto: peru.com

Governo Peruano cria o Parque Nacional Sierra Del Divisor, uma das maiores reservas naturais do mundo com 1,3 milhão de hectares e com a maior concentração de biodiversidade do país, abrigando mais de 1,2 mil espécies de mamíferos marinhos, aves marinhas e peixes. O espaço fica na fronteira entre Peru, Bolívia e Brasil. O Parque vai beneficiar 21 comunidades indígenas e nativos, além de melhorar a qualidade de vida de cerca de 230 mil pessoas que obtêm alimentos e fontes de água na região.
A criação da reserva faz parte do compromisso assumido pelo governo peruano na COP 20 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas), no ano passado, de reduzir emissões de carbono em mais de 30%, além de preservar o território das ameaças de desmatamento, mineração ilegal e tráfico de drogas.

PROTEÇÃO A POVOS INDÍGENAS ISOLADOS

Já foram iniciadas as ações do projeto Proteção Etnoambiental de Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato na Amazônia Brasileira. Executado pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI), em parceria com a Fundação Nacional do Índio (Funai), com apoio financeiro do Fundo Amazônia, o projeto prioriza o incremento da interlocução com povos indígenas e outras populações que habitam o entorno ou que compartilham territórios com índios isolados.

A iniciativa visa proteger povos indígenas isolados em países como Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru, Suriname, Venezuela, Guiana e Guiana Francesa.

Além de estabelecer pontes de diálogo e cooperação entre a política pública de proteção aos povos isolados e de recente contato e as diversas políticas e estratégias locais de gestão territorial, o projeto busca ampliar a participação da sociedade civil em agendas relacionadas à proteção de povos indígenas isolados em contextos de fronteira.

Outra frente de ação, em fase de desenvolvimento, consiste na implantação da plataforma digital do Boletim Povos Isolados na Amazônia, com objetivo de ser um canal que concentre e dissemine notícias, entrevistas, artigos, mapas e imagens sobre os isolados em toda a bacia amazônica.

SEGURANÇA ALIMENTAR NA COP 21

Assunto em grande parte ignorado por políticos, como também por climatólogos, a segurança alimentar finalmente entrou na pauta das discussões sobre mudanças climáticas na Conferência em Paris – COP 21. A temática foi levantada por uma coalizão entre as delegações de Peru e França, com o objetivo de buscar soluções para mitigar os efeitos das mudanças de clima sobre a produção agrícola e de garantir a alimentação da população mundial crescente, diante dos desafios sazonais.

Três propostas foram destacadas pelo jornal britânico The Guardian:

• Mapear cenários de insegurança alimentar – foi criada uma ferramenta interativa que permite mapear as áreas com altíssimo grau de detalhamento, assim como traçar quadros futuros de segurança alimentar, com simulações que incluem fatores ajustáveis como quantidade de emissões de carbono, tempo e escala de produção.
• Prender carbono nos solos – a conclusão é que práticas agrícolas melhores podem ser aplicadas para reduzir a quantidade de carbono no solo e, por consequência, que entra na atmosfera, de modo a contribuir para a redução do aquecimento global.
• Reduzir desperdício de alimentos – no caminho entre as terras de cultivo e a mesa, estima-se que 1,3 bilhões de toneladas de alimentos são desperdiçadas e perdidas por ano, gerando emissões de gases desnecessárias. Serão criados mecanismos pela ONU para incentivar países do G-20 a reduzirem desperdícios na produção de alimentos.

No Brasil, em particular, considerado pela FAO um dos dez países que mais desperdiçam comida (30% da produção) em todo o mundo, é preciso desenvolver uma cultura de combate ao desperdício. Nisso, o poder público tem papel fundamental.

É o que pensa, por exemplo, Jurandir Oliveira, presidente do Legislativo de Formosa – Goiás, que afirma: "Cabe a nós, principalmente, o protagonismo de estabelecer outro paradigma. Ou mudamos nossa relação com os alimentos, ou deixamos de dar contribuição significativa para redução da emissão de gases e para garantir a segurança alimentar das pessoas, como apontam as discussões da COP 21".

Chegou o Natal e com ele mais um ano se encerra.
Você já observou como Valparaíso mudou nos últimos anos?

Mais escolas, professores valorizados, material didático e pedagógico, móveis novos, merenda escolar de alto valor nutritivo e milhares de novos alunos na sala de aula.

Com diversas unidades de saúde novinhas ou ampliadas em toda a cidade, UPA 24h e 28 novos médicos, novos PSF's, além do programa Ação Saúde na Comunidade, viramos referência em saúde de qualidade para toda a região. Hoje vem gente até de Brasília ser atendido aqui!

Também tem asfalto novo, operação tapa buracos por toda a cidade, coleta seletiva e muito mais em infraestrutura; diversas ações culturais e esportivas; reconhecimento e respeito aos servidores; valorização do comércio; projetos sociais e de inclusão, como a Estação de Metarreciclagem, enfim, é tanta coisa que não dá pra listar aqui.

Acesse o site da prefeitura ou curta nossa página no Facebook e conheça uma Valparaíso de Goiás muito mais valorizada.

Feliz Natal e um 2016 de muitas conquistas!

valparaisodegoias.go.gv.br | pvalparaisogo

PREFEITURA MUNICIPAL - GESTÃO 2013/2016
VALPARAÍSO DE GOIÁS

RIOZINHO, VOCÊ É MINEIRO, UAI!

Iêda Vilas-Bôas

Depois de criar a Terra e tudo que nela há, o Criador dedicou carinho especial para dar vida ao rio que, tal como criança nascida do ventre da mãe Terra, chorou. Não se sabe ao certo a razão desse choro. Talvez, tivesse o riozinho recém-nascido premonição de sua triste sina. Ou ainda, com a insegurança própria dos que têm medo do desconhecido, o riozinho chorou. Um choro longo e demorado. Por horas a fio o riozinho chorou. Era um chororô comprido, uma lengalenga sem fim. Por vezes chorava alto que parecia pororoca quebradeira em desabalada, depois o choro se aplacava e seu som era de água pura de riacho tímido, desses que se curvejam entre as serras.

O riozinho foi crescendo e já menino orgulhava o broto de sua fonte. Encorpou-se e permitiu novas vidas em suas águas cristalinas. Por ali, serpenteavam peixes de todas espécies e cores, uma dança de sutil leveza sacudia as ramagens... uma buliçosa vida aquática fazia festa em suas marolas. Vida boa, pacata e simples a do rio menino.

O moinho do tempo *temblando* e riozinho virou rio. Volumoso, água farta e generosa. Abundância. Imensidão. Em suas margens foram brotando plantas, bichos e homens. No começo eram bons. Uma equilibrada e justa convivência estabelecida pelo rio, que de tão bom, passou a ser chamado de Rio Doce como as doces lembranças dos sabiás, cotovias e quero-queros beliscando o dorso do rio. Doce como o espelho do rio confundindo-se com o plácido azul do céu, o dourado do sol e as emanações do argentum lunar.

A cada dia um novo ambiente, uma nova contemplação. A vida do rio seguia rotineiramente, cumprindo seu destino de alcançar o mar. Este era outro medo do riozinho: enfrentar outras águas e mares e lugares. Por mais que se contorcesse, o rio não parava e o rio chorou de novo, com medo da imensidão do mar.

Para cumprir sua sentença e destino, um dia, desaguou no oceano. E chorou, chorou muito. Chorou alto. Suas lágrimas podiam se ver e ouvir de longe. Saltando do sal da água saíam salgadas também. Em seu auxilio a mãe natureza, força espetacular e amorosa, deu seu regaço e acalentou o riozinho. Ele viu que era bom. Um mundo novo lhe acenava. E seguia seu curso de percorrer caminhos sinuosos, brincar de esconde-esconde com sereias e Iaras para depois abraçar o infinito com a coragem de quem rompeu barreiras e venceu desafios. Era doce seu desaguar, tocando em suas margens a melodia sonora de quem vai levando e trazendo emoções e esperanças.

Um dia houve, brotava aos borbulhões outro rio que o engolia. Rio de lama, de vergonha, de descaso, de tragédia. E dessa vez o rio chorou também, mas seu choro foi abafado e dolorido. O rio não chora mais. Agora, choramos nós.

Rio Doce, meu benzinho, espera que vai passar! Tem fé que você é mineiro, uai!

Iêda Vilas-Bôas
Escritora, Presidenta da Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano – Alaneg/Ride

Ilustração:

@lennylimaarts

Thiago canta Chico Mendes

O sonho que cresce no chão da floresta

Thiago de Mello

Não frequentas mais
de corpo comovido
os espaços do mundo.
A medida do tempo não te alcança.
Já ganhaste a dimensão do sonho,
és luzeiro da esperança.
(...)
Chegado foste ao mundo,
De coração já acreano
_ a fronte estrelada,
o peito caudaloso_ ,
para que te cumprisses
na construção do triunfo
do que no homem é grandeza,
é orvalho indignado e lúcida bondade.

Atendias e atendes altivos chamados:
a floresta e os seus povos
e, deixa que eu te diga,
o povo geral do mundo,
precisava e precisam
constantes da esperança
com que semeavas e semeias
o poder da descoberta
de que o amor é possível.

Os inimigos da vida,
com medo da aurora,
ceifaram ferozes
o teu caminho escrito
por indeléveis letras.
Só porque tiveste
o dom de sonhar
como convém e é bom,
com os pés fincados
na verde verdade
do chão de cada dia.

Doidos por te dar sumiço
cuidavam que podiam
amordaçar a fé
no reinado da justiça
e converter em moeda
o esplendor da primavera.

Nem pressentir podiam
que és da estirpe de seres
destinados a durar
no caminho dos homens.
Agora inabalável,
prescindes do corpo
para prosseguir plantando
e repartindo sementes.
Perdura e és conosco.
Nos levas, te levamos.
Eis que a vida do homem
é o que ele faz e fala,
escreve e canta. Vives:
dás fundamento ao porvir.

A tua própria morte
nos alcança a fundura
mais azul do peito
com um brado companheiro,
que nos chama, nos clama,
é chama que nos chama
para amassar o barro,
preparar a pizarra,
aparelhar os esteios
de maçaranduba,
itaúba, pau d'arco
e, pacientes, construir
as esplêndidas cidades.

Com a mão da sagrada ira
escreves os algarismos sinistros
dos hectares de esmeraldas
devorados pela hedionda lâmina
de gás, fogo e ingratidão.
E logo nos atravessas
a espessura das cinzas
desviando os apelos
das veredas injustas.

Por isso te canto, irmão.
Tu nos fazes capazes
(do ferrão da fera dói)
de cuidar do chão e do céu
deste reino da claridão,
nosso berço e morada,
que nela e dela vivemos.

Avançamos pelas sendas
que ajudaste a abrir
e para que não os percamos,
cuidadosos dos atalhos,
deixaste candeeiros
da perseverança acesos
nos troncos das seringueiras,
nas sacopemas das sumaumeiras,
nas palmas das inajazeiras,
nas folhas das imbaúbas,
que guardam o segredo do sol
e até nas favas morenas
da acapurana menina,
tua companheira de empate.

É preciso dizer que às vezes
nos morde a sombra do desânimo
e nos estremece a fúria
dos terçados da opulência
que não dorme e é cheia de olhos.

É quando os pássaros da floresta
nos acodem confiantes
(as corujas prolongam
as suas despedidas das estrelas)
cantando as sílabas alegres
do teu nome de menino

Vêm no meu canto o rumor
dos remos dos pescadores
a alegria da palmeira
abraçada pelo vento;
o papagaio banda-de-asa
dos meninos da várzea,
barrigudinhos, magrelos,
mas que já estão na escola
(às vezes dormem com fome,
viva o chibé de erva-cidreira).
Trago o grito enlouquecido
dos pássaros de asas queimadas
pelas brasas dos desumanos;
o suor contente das quebradeiras de coco,
das fazedoras de farinha d'água,
das amassadoras de açaí.

E termino este aceno de mão agradecida
com o abraço das crianças amazônicas
que ainda vão nascer, abençoadas
pelo majestoso arco-íris de amor
que se ergue, úmido de seiva,
das terras firmes de Xapuri,
com as cores de todas as raças humanas.

Thiago de Mello
Poeta maior do Brasil e da Amazônia.
Poema publicado no livro Vozes da Floresta, Xapuri, 2010.

POR QUE CANTAM AS CIGARRAS

Nina Simões

Brasília tem belas quadras arborizadas. Nelas vive uma infinidade de cigarras, inseto pequeno, de até 6 centímetros de comprimento. No Cerrado, no Pantanal, em todos os biomas brasileiros, vivem milhões de estridentes cigarras.

Estridentes por pouco tempo, dentro de sua relativamente longa (para o mundo dos insetos) existência, que vai de 2 a 17 anos. A maior parte do tempo, as cigarras ficam inertes, em forma de letárgicas ninfas, acopladas às raízes das árvores, alimentando-se de seiva, integradas ao ambiente. Dormem, por assim dizer, grande parte do ano, todos os anos.

Com as primeiras chuvas, brotam da terra em forma de insetos cantadores (só os machos cantam), em corais contínuos, uníssonos, sincronizados, de 120 decibéis por indivíduo. Assim permanecem, nessa desandada cantoria sem-fim, nos troncos das árvores, pelas duas ínfimas semanas em que vivem sob a forma de inseto alado, no planeta Terra.

Assim atraem suas fêmeas, acasalam, asseguram a sobrevivência da espécie. Assim, atormentam os tímpanos humanos. Assim, ainda que somente por duas semanas, garantem alimento farto para as aves do Cerrado, que não matam as cigarras, apenas comem as cascas que elas vão deixando para trás.

Assim, desse jeito estranho, as cigarras ajudam a conservar a vida na Terra.

Nina Simões
Artista, Musicista

Parque Ipiranga

Parque JK

Parque da Cidade

Parque da Liberdade

Parque da Matinha

INSTITUTO INTERNACIONAL SOCIOAMBIENTAL CHICO MENDES

Anápolis conquistou por seis vezes consecutivas o prêmio **Chico Mendes**

O reconhecimento deste trabalho veio, pelo sexto ano consecutivo, com a premiação máxima do Instituto Social Ambiental Chico Mendes, concedido a empresas e instituições públicas que se destacam no trato com o meio ambiente. Anápolis concorreu com importantes cidades brasileiras, mostrando que investir na qualidade de vida é fundamental para um desenvolvimento sustentável e equilibrado.

anapolis.go.gov.br

DISQUE PREFEITURA 156

Secretaria Municipal de **Meio Ambiente**

Prefeitura de ANÁPOLIS *Cidade de Todos!*

CO-CRIAÇÃO VIRTUAL UM NEGÓCIO EM EXPANSÃO

Eduardo Pereira

Felipe Damásio mora em Santo André, no estado de São Paulo. Carlos Lins é de Maceió, Alagoas. Bruno Ribeiro vive em Palma, em Minas Gerais. Juntos, além de serem amigos, formam o grupo musical de pop/hip-hop chamado Phill, que em outubro completou seis anos de existência. Detalhe: Felipe, Carlos e Bruno só se viram uma vez na vida.

Trata-se de um exemplo de um modo de trabalho em expansão: a co-criação virtual. Com o papel dominante que desempenham as redes sociais em nossas vidas, não há mais a necessidade da proximidade física para estabelecer uma troca de afinidades, uma

amizade, ou mesmo para montar um projeto, realizar um trabalho ou criar um produto.

Foi assim que surgiu o Phill. Os três jovens se conheceram pela internet em um grupo de discussão, em uma das badaladas "Comunidades" do Orkut, hoje extintas. Entre uma prosa e outra, veio a ideia de fazer algo diferente.

Foi daí que os amigos deram um salto da prática costumeira – que era postar um anúncio no quadro de avisos de um estúdio musical ou de algum espaço público e aguardar os resultados que eram, claro, duvidosos e demorados – e partiram para a formação da banda virtual.

Hoje, uma banda pode criar um álbum inteiro sem que seus integrantes compartilhem o mesmo espaço físico. Cada instrumento é gravado individualmente em um arquivo pelos integrantes de um grupo. Depois, as gravações individuais são compiladas e aperfeiçoadas em um arquivo final.

Foi assim que o Phill produziu seu último single "Hey Y'all" (uma tradução de uma frase coloquial norte-americana equivalente a "e aí vocês"), com participação do cantor britânico Francis Edem. "Hey Y'all" acaba de ser lançado pelo grupo nas plataformas de música online Spotify e YouTube.

"Desde 2009 fazemos co-criação online. Começamos sem saber no que ia dar, mas acabou funcionando. Eu produzo a parte instrumental aqui em Maceió, Bruno escreve a música em Palma e depois repassa pro Felipe, em Santo André, pra ele gravar a voz em cima e finalizar a faixa", diz Carlos.

Na co-criação virtual, o papel de cada participante é especialmente valorizado. "A contribuição de cada um é fundamental para que o projeto final fique como o trio planejou". A co-criação em rede funciona? "Com certeza", agrega Carlos. "Em 2009, só tínhamos sonhos. Hoje temos um projeto contínuo que produz muito e está ficando popular".

Carlos não exagera. O Phill já produziu 17 faixas originais, mais de 30 músicas remixadas, e tem 38 vídeos disponibilizados no YouTube. Em cinco anos, os vídeos do grupo no YouTube já somam mais de 370 mil visualizações, sendo que um remix produzido pelo grupo conquistou, sozinho, 140 mil visualizações.

Das mídias sociais, surgem outros bons negócios para o grupo. Um dos seus EPs (Extended Plays) foi utilizado por uma empresa de publicidade inglesa para divulgar capas de celulares no site da Amazon UK. E, recentemente, Felipe participou de um programa de TV em uma emissora de São Paulo para divulgar o trabalho do grupo.

Os meninos do Phill continuam sonhando. "Queremos atingir mais pessoas com o que gostamos de fazer. De forma geral, é difícil divulgar nosso estilo de trabalho no Brasil. Muitas vezes nem acreditam que somos brasileiros, mas nós seguimos em frente. Ah, e queremos muito, muito, muito, conhecer a Beyoncé", diz Carlos. Estamos na torcida, Phill.

CONHEÇA PHILL, UM EXEMPLO DE CO-CRIAÇAO VIRTUAL NO BRASIL!

Instagram: @phillmusic
Youtube: Phill Music
Facebook: /phillmusic

Eduardo Pereira
Produtor Cultural
@weiss_guru

Empregados Unidos, Movimento Forte!
A luta não pode parar!

Homenagem a todos os empregados e aposentados da Caixa que lutaram pelo direito à sindicalização e à jornada de 6 horas, e a todos os que seguem lutando por um banco mais forte e um país mais justo.

FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

CUIDADO: O ETHOS DO HUMANO

Leonardo Boff

O que se opõe ao descaso e ao descuido é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

A atitude é uma fonte, gera muitos atos que expressam a atitude de fundo. Quando dizemos, por exemplo, "nós cuidamos de nossa casa", subentendemos múltiplos atos como: preocupamo-nos com as pessoas que nela habitam, dando-lhes atenção, garantindo-lhes as provisões e interessando-nos com o seu bem-estar.

Cuidamos da aura boa que deve inundar cada cômodo, o quarto, a sala e a cozinha. Zelamos pelas relações de amizade com os vizinhos e de calor com os hóspedes. Desvelamo-nos para que a casa seja um lugar de bem-querença, deixando saudades quando partimos e despertando alegria quando voltamos.

Alimentamos uma atitude geral de diligência pelo estado físico da casa, pelo terreno e pelo jardim. Ocupamo-nos do gato e do cachorro, dos peixes e dos pássaros que povoam nossas árvores. Tudo isso pertence à atitude do cuidado material, pessoal, social, ecológico e espiritual da casa.

Entretanto, o cuidado é algo mais que um ato e uma atitude entre outras. Disse-o o filósofo que melhor viu a importância essencial do cuidado, Martin Heidegger (1889–1976), em seu famoso Ser e sempre: "Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato".

Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser-essencial, sempre presente e irredutível à outra realidade anterior. É uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.

Leonardo Boff
Filósofo, Teólogo, Escritor
leonardoboff.com
Excerto do livro Saber Cuidar,
18ª Edição, Editora Vozes, 2014

SUL DA BAHIA

POVO PATAXÓ RECEBE TURISTAS EM ALDEIAS

Zezé Weiss

Porto Seguro. Prado. Itamaraju. Cabrália. Os povos indígenas originários, hoje reduzidos a algumas dezenas de aldeias, basicamente espalhadas pela chamada Costa do Descobrimento, no extremo sul do litoral da Bahia, fazem do ecoturismo uma fonte de ocupação e renda, e também de afirmação da identidade ancestral dos Pataxó.

Em Porto Seguro, a população indígena da Reserva da Jaqueira, que faz parte da Aldeia Coroa Vermelha, em Santa Cruz de Cabrália, com seus 827 hectares de mata (40% de mata primária) e uma estrutura básica de água encanada, energia elétrica e banheiros disponíveis para visitantes, é a mais visitada.

Dos cerca de 50 mil turistas que visitam as aldeias indígenas do sul da Bahia anualmente, a maior parte passa pela Jaqueira, considerada pela comunidade indígena como um espaço sagrado. Por ser uma "morada sagrada" e, até hoje, um lugar reservado aos rituais, o local faz bem a quem passa por lá, porque está repleto de energia positiva, dizem os Pataxó.

Os atrativos turísticos disponíveis na Reserva vão desde passeios por trilhas

Foto: Radiobrás

ecológicas que passam por várias ocas construídas no formato original do povo Pataxó, ao experimento com pratos típicos da culinária indígena (imperdível o peixe assado na folha da palmeira patioba), à compra de artesanato, à oportunidade de praticar esportes como o arco e a flecha.

Vestidos e pintados conforme suas tradições milenares, os membros da comunidade encarregados do turismo recebem os e as visitantes com uma palestra sobre sua história, seus costumes e tradições. Da aula teórica, passa-se à visita de campo: ao caminhar pela trilha de 1,5 km, cada turista vai conhecendo um pouco da biodiversidade local e, especialmente, dos usos e costumes ancestrais do povo Pataxó.

Durante o passeio, pode-se comprar o artesanato indígena, outra importante fonte de renda da comunidade. Visitas à Reserva da Jaqueira, em grupo ou individuais, podem ser agendadas nas agências de turismo locais. Para conhecer um pouco mais da vida nas aldeias, é necessário agendar com a Associação Pataxó de Ecoturismo, a Aspectur: (73) 9199-7245 / 8833-1255 / 3672-1052.

OS PATAXÓ

Os Pataxó se identificam como o povo originário da Aldeia Mãe, também conhecida como Aldeia da Barra Velha, localizada na área indígena do Monte Pascoal, a terra avistada por Cabral. Relatos de viajantes do século XIX documentam a presença dos Pataxó desde a costa litorânea da Bahia até as matas do interior de Minas Gerais, onde ainda hoje existem seis aldeias, localizadas em Aruçuaí e nos municípios vizinhos.

No total, a população Pataxó soma cerca de 15 mil pessoas, segundo levantamento próprio. Organizados em aldeias, cada uma delas com um cacique, os Pataxó mantêm sua própria língua, o patxohã, e vivem em casas indígenas, as kijemes, cuja característica principal são duas aberturas – uma, ao leste, para entrada da luz do sol, e outra voltada para o oeste, onde o sol se põe.

As crianças Pataxó recebem educação bilíngue, em português e patxohã. Do primeiro ao quinto ano, elas estudam na Reserva da Jaqueira. A partir do sexto ano, vão para a Escola Indígena de Santa Cruz de Cabrália, município que faz divisa com Porto Seguro.

Agricultores e pescadores, os Pataxó cultivam principalmente as raízes básicas para a sua alimentação (amendoim, batata, inhame, mandioca, taioba), complementada pelos peixes e frutos do mar. Com a mandioca, fazem sua bebida sagrada, o kawi, o makaiaba (beiju) e a kuiuna (farinha). O peixe, servido na folha de patioba, é considerado como essencial para o rejuvenescimento do corpo e do espírito.

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO – A SOCIEDADE DIZ NÃO!

"OS não é solução. Se privatizar, vamos ocupar" – foi o grito preso que saiu da garganta de professores, trabalhadores administrativos e estudantes das escolas públicas goianas, apoiados por pais de alunos e sindicatos de outras categorias do funcionalismo estadual, durante o Abraço em Defesa da Escola Pública e Contra as OSs, promovido pelo Sintego, no dia 27 de novembro, no Colégio Lyceu de Goiânia, escola pioneira, que se tornou referência do Estado de Goiás e por onde passaram nomes importantes da política e da sociedade goiana. Após o abraço, a manifestação percorreu a Avenida Araguaia até a Praça do Bandeirante, alertando a sociedade para a política de privatização das escolas, liderada pelo Governo do Estado, que está sendo tramada sem nenhuma transparência e sob o mais absoluto sigilo.

"É uma política entreguista das escolas públicas para que donos de Organizações Sociais lucrem à custa dos professores, dos servidores administrativos e dos alunos, mas escola não é mercadoria e não vamos deixar que isso aconteça, porque será a falência total da Educação pública de Goiás", alertou a presidenta do Sintego, Bia de Lima, durante a manifestação.

Preocupados com os rumos que o governo está querendo dar à Educação, estudantes do Lyceu e de várias outras escolas que sofrem com a falta de recursos e de investimento também entraram na luta contra as OSs. "Os estudantes querem melhores condições de ensino e, se for necessário, vamos ocupar as escolas", advertiu Gabriel Tatico, presidente da União Brasileira de Estudantes Secundaristas/Goiás.

A LEI E A LUTA

A intenção de privatizar a Educação foi anunciada pelo governador Marconi Perillo um dia pós o segundo turno das eleições de 2014 e adquiriu forma de imposição legal no Decreto n. 8.469, de 14 de outubro de 2015, que determina para até o dia 31 de dezembro de 2015 a "seleção de Organizações Sociais para a celebração de contratos de gestão de até 30% (trinta por cento) das unidades escolares que integram as Subsecretarias de

Foto: Jéssica Ferreira

Presidenta do Sintego, Bia de Lima, durante Abraço em Defesa da Escola Pública e contra as OSs

Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Trindade e as do Entorno do Distrito Federal", e "de até 25% (vinte e cinco por cento) das unidades escolares integrantes das demais Subsecretarias da Pasta".

Bia de Lima garante uma luta árdua contra a privatização. Ao Ministério Público do Estado, o Sintego fez várias denúncias no Centro de Apoio Operacional da Educação e protocolou representação no Centro de Apoio Operacional de Defesa do Patrimônio Público, questionando a contratação das OSs. No documento nº 234/2015, o sindicato afirma que "a anunciada transferência passou ao largo da sociedade, posto que não se deu qualquer discussão com ela; não se disse o porquê daquela; e não se divulgaram os critérios, parâmetros e condições para a sua concretização".

Ao questionar a legalidade do processo, o Sintego lembra que, no Amapá, o Ministério Público do Trabalho (MPT) proibiu o governo daquele Estado de contratar trabalhadores na área da Educação por meio de Caixas Escolares, uma derivação das OSs, violando o princípio constitucional do concurso público, ao contratar mão de obra subordinada aos órgãos públicos e entes da administração para execução de atividade-fim. "O que se pretende fazer aqui também é ilegal", diz Bia. E mais: o que querem fazer com as escolas goianas vai contra as mais recentes recomendações da ONU para o Brasil, publicadas em outubro de 2015.

FIM DO CONCURSO E DA ESTABILIDADE

Em Goiás, há mais de 40 mil trabalhadores em Educação. Cerca de 30% deles trabalham em regime de contratação temporária, porque há mais de 6 anos não se faz concurso público para professor; há mais de 15 anos, para administrativos de escola. "As OSs representam o fim do concurso público e da estabilidade" – diz Bia.

Confrontado com essa afirmação, o secretário Antônio Faleiros, responsável pela implantação das OSs na Saúde e agora na Educação, confirma que a intenção do governo é não contratar mais professores por concurso público. "Isso é ruim?", questionou. "É péssimo", responde Bia de Lima. "O que as OSs fazem é precarizar a condição do trabalho, e o resultado é o que já ocorre hoje na Saúde, onde as empresas terceirizadas estão atrasando os salários dos trabalhadores", complementa. Já a secretária Raquel Teixeira, que assegurou no início do ano que nada seria mudado sem diálogo e discussão com a sociedade, mais uma vez, não atendeu ao pedido de entrevista da Xapuri.

NA CONTRAMÃO DO QUE ORIENTA A ONU

"Em Goiás temos o pior dos mundos", afirma Daniel Cara, Coordenador Geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Daniel explica que, em Goiás, trabalha-se na direção contrária às recomendações do Comitê dos Direitos da Criança da ONU, que se reuniu recentemente em Genebra.

Com relação especificamente à privatização e à militarização, promovidas pelo governo goiano, Daniel Cara destaca que "o Comitê recomenda que o Brasil interrompa esse tipo de política, que prejudica o direito à Educação das crianças e adolescentes".

No documento oficial, intitulado *Observações finais sobre a versão combinada do segundo, terceiro e quarto relatórios periódicos do Brasil*[1], o Comitê recomenda, por exemplo, que o país:

- Aumente o financiamento da Educação para fortalecer a Educação pública e priorizar a implantação do Plano Nacional de Educação e, ao fazê-lo, garantir que em situações de escassez de fundos, serão priorizados os repasses para instituições educacionais públicas;
- Certifique-se de que todas as escolas sejam administradas por autoridades civis e funcionem sob regras disciplinares e métodos de ensino apropriados para crianças; e retirar progressivamente as escolas públicas da gestão militar.

A Coordenadora de Projetos da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Maria Rehder, que esteve presente ao encontro em Genebra, enfatiza: "a ONU se posiciona contrária à privatização da Educação no Brasil".

SOCIEDADE CIVIL DENUNCIA ARBITRARIEDADES À ONU

A cada cinco anos, o Comitê dos Direitos da Criança da ONU, sediado em Genebra, na Suíça, convoca o Estado-membro para avaliar como está a situação dos direitos da Criança e do Adolescente, com base no que está estabelecido na Convenção Internacional. De praxe, em fevereiro, é apresentado um relatório formal, com as sugestões/preocupações da sociedade civil.

No Brasil, em 2015, entre a apresentação do relatório e a reunião, muita coisa mudou, e era preciso alertar o Comitê sobre essas alterações, que afetam gravemente os direitos da criança e do adolescente no país. Assim, em caráter absolutamente inédito, uma comissão, que incluiu representantes da Campanha Nacional pela Educação, da ONG Conectas, da Ação Educativa e da Associação Nacional dos Centros de Defesa de Direitos da Criança e Adolescente (ANCED), foi recebida a portas fechadas horas antes da sessão com o Estado brasileiro, para apresentar o documento "Privatização da Educação e violação de direitos no Brasil: apontamentos para o Comitê dos Direitos da Criança".

Essa ação da sociedade Civil organizada teve forte incidência no documento oficial do encontro. Quem explica é Maria Rehder, Coordenadora de Projetos da Campanha: "Para nossa surpresa, poucas horas depois, na sessão com o Estado brasileiro, na pauta já constavam todos os pontos que nós levamos. E, no final, no documento oficial da ONU, que expressa as recomendações ao Brasil, eles consideraram todos os pontos que nós levamos".

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

[1] Tradução não-oficial de trechos ligados diretamente à incidência da sociedade civil, pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação

PAÇOCA DE CARNE-SECA

Lucia Resende

Os primeiros habitantes da terra do Pau Brasil já tinham o hábito de comer a pa'soca (em tupi). Carregada no embornal, garantia o sustento dos que se embrenhavam na mata para caçar, ou serviam de refeição para mulheres, homens e curumins ali mesmo, na taba.

Com a chegada dos portugueses, e depois dos africanos, a farinha de mandioca socada no pilão com carne-seca ganhou outros temperos, virou paçoca, e passou a sustentar escravos na exaustão do eito, viajantes na Estrada Real, boiadeiros do Sertão da Farinha Seca, bandeirantes e garimpeiros e, já no século XX, virou a "matula" que os migrantes nordestinos carregavam no sacolejo dos caminhões pau-de-arara pelas estradas que levavam rumo ao Sul, em especial rumo a São Paulo, então uma espécie de Terra Prometida. Em cestos, baús, latas e embornais, a paçoca de carne-seca, alimento de fácil conservação, foi trilhando novos caminhos e se incorporando à alimentação de brasileiros e brasileiras por todo o país.

Os tempos mudaram. Aqueles que se embrenhavam na mata sem fim convivem agora com as clareiras abertas pela ganância de quem explora ou pela premência do progresso. Ou lutam como podem para preservar suas terras e, nelas, a floresta que lhes serve de sustento e abrigo.

O gado agora viaja em caminhões-gaiola; o garimpo está a cargo das grandes mineradoras, que vão deixando mais destruição pelo caminho; aquele caminhão virou objeto de recordação, porque o Nordeste não mais empurra os seus para o Sul.

A história e a geografia são outras, mas a paçoca de carne-seca permanece. Em muitos lugares, a mão-de-pilão ainda sobe e desce, num ritmo cadenciado, no preparo dessa delícia que, de tão boa, é feita até onde o pilão nem existe ou virou peça de decoração. Nesses lugares, o processador, ou mesmo o liquidificador, cumpre a tarefa. Que tal entrar na onda e fabricar a sua paçoca? A gente ensina a receita.

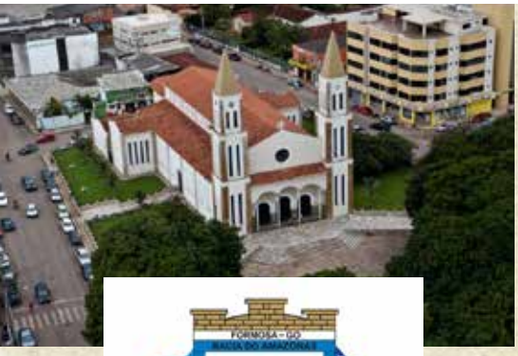
INGREDIENTES

- 1 kg de carne-seca cortada em pedaços
- ½ xícara (chá) de manteiga ou óleo
- 2 cebolas grandes cortadas em pedaços
- 3 xícaras (chá) – ou um pouco mais – de farinha de mandioca (ou milho)
- Sal e pimenta a gosto.
- Cheiro-verde a gosto.

MODO DE PREPARO

Limpe a carne, retirando a pele e a gordura em excesso; coloque em uma vasilha e cubra com água, para dessalgar. Troque a água algumas vezes. Depois, escorra bem a água e reserve. Numa panela, coloque a manteiga (ou o óleo), acrescente a carne e deixe fritar um pouco. Junte a cebola e frite bem, até tudo ficar dourado e quase seco. Deixe esfriar, coloque no pilão, vá socando e acrescentando farinha aos poucos, até a carne ficar desfiada. Se não for possível socar no pilão, pode ser usado o processador, ou mesmo o liquidificador. Aí, é só corrigir o tempero, jogar o cheiro-verde e a pimenta e saborear!

Lúcia Resende
Professora.
@mluciares



Formosa
Câmara Municipal

CALENDÁRIO DAS SESSÕES ORDINÁRIAS EM 2015

DEZEMBRO	01 (terça-feira)	02 (quarta-feira)	08 (terça-feira)	09 (quarta-feira)	10 (quinta-feira)

CED 06 DE TAGUATINGA:
para além da superação

Horta Solidária e Projeto de Jardinagem se completam, quebram paradigmas e envolvem toda a comunidade escolar

Ex-estudante de escola pública, casado e pai de três filhos, o professor Jailson Kalludo leciona Filosofia, Sociologia e História há 16 anos. E não para quieto.

Muito ativo e de pensamento ágil, nem mesmo uma patologia genética freou a vontade do professor de levar adiante um componente do projeto político-pedagógico do Centro Educacional 6 de Taguatinga Norte, o CED 6, onde trabalha.

Há dois anos Kalludo encampou a Horta Solidária e o Projeto de Jardinagem, este juntamente com a professora Lucy Guimarães. Os dois projetos investem na integralidade da escola com a comunidade, propiciando ao estudante o entendimento de que o plantio e a colheita são atividades coletivas e que os legumes são importantes para alimentar os próprios estudantes do CED 06. Toda a produção vai para a cantina da escola.

O alcance é de cerca de 200 estudantes, das mais variadas idades. "Depois que eles vieram para a horta, a autoestima deles mudou muito. Veio a vontade de crescer", contou Kalludo.

"Descobrimos aptidões escondidas. Um começou a querer ler mais; outro passou a ver a matemática com outros olhos. Sabe como? Lendo as informações nos saches que trazem as sementes. Naqueles simples saquinhos você tem a literatura, a matemática e a química. E isso se refletiu positivamente em sala de aula", atestou.

Nesta integração/inclusão todos participam. Segundo Kalludo, "os projetos são inclusivos, ou seja, os estudantes que têm alguma deficiência física participam normalmente das atividades. Não há distinção. A pessoa com deficiência estuda, trabalha, produz igualmente quando tem oportunidade e ferramentas. O objetivo

maior é trazer dignidade a todos, com ou sem deficiência".

Kalludo se baseou nos princípios de três educadores para alavancar as coisas. "Paulo Freire fala de uma educação popular. Quando o povo se apodera da escola tudo se transforma, pois a escola é do povo. Darcy Ribeiro me remete à miscigenação, a esta intensa troca do universo de pessoas. O CED 6 é um grande universo – temos pessoas de várias etnias, de várias culturas e valores. E Leonardo Boff nos deu a Carta da Terra, pela qual os estudantes passaram a ter outra visão do espaço, do agricultor, do plantar e colher", contou o professor.

De acordo com ele, os estudantes foram envolvidos por uma visão humanística.

"Muitos precisavam apenas de uma ajuda para deixarem para trás comportamentos malquistos pela sociedade. Eles se redescobriram aqui como seres humanos e viram que poderiam ir além, ajudando, além de si, a outras pessoas – fazendo a diferença. Esses estudantes necessitavam apenas de uma oportunidade. E ela estava aqui, na escola. As palavras-chave são educação e inclusão. Isso transforma", finalizou.

Para quem quiser sabe mais sobre os projetos do professor Kalludo basta enviar um e-mail para jailson.kalludo@gmail.com

"Naqueles simples saquinhos você tem a literatura, a matemática e a química. E isso se refletiu positivamente em sala de aula"

SINPRO DF
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
Filiado: CUT CNTE
36 ANOS
CUT BRASIL
CNTE

A ESSÊNCIA DA RADICAL DIGNIDADE

Jacy Afonso

Quando o mundo ainda sentia os efeitos da Segunda Guerra Mundial, a Declaração Universal dos Direitos Humanos começou a ser gestada, e nascia a base da luta universal contra a opressão e a discriminação, reconhecendo que todos e todas devem ter acesso aos direitos e às liberdades fundamentais.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos completa agora 67 anos (10 de dezembro). Instituidora de um novo paradigma civilizatório, essa senhora traz em sua história muitas conquistas, mas ainda tem grandes desafios na defesa da igualdade, da justiça e da paz mundial.

O direito humano nasce da indignação com aquilo que fere o inerente à pessoa: sua dignidade. Houve avanços significativos a partir de legislações nascidas dos determinantes da Declaração: os tratados internacionais, os pactos e os protocolos consideram suas condições. A própria Constituição Brasileira trouxe dela códigos cuja destinação é o todo universal humano.

Porém, o marco do atual processo de transformações

históricas evidencia que os referenciais teóricos da Declaração se transformaram em campo de disputa. A realidade que testemunhamos nos inquieta, porque aponta nossa incapacidade crônica de conviver com as diferenças. A intolerância nos leva à beira do precipício. Guerras, fome, atentados, deslocamento e mortes de refugiados estão nos continentes vizinhos. Violência contra as mulheres, chacinas de jovens negros, sem-terra e sem-teto, prisões superlotadas, discriminações de gênero e cor, exploração de crianças e adolescentes, trabalho escravo, fome, doentes em corredores de hospitais, escolas caindo aos pedaços, destruição da natureza, exclusão dos mais vulneráveis, homofobia, estão bem ali, do outro lado da rua e, em alguma medida, bem aqui, dentro de nossas casas.

É certo que os direitos humanos também tiveram avanços significativos em nosso país, construídos por caminhos e lutas, frustrações e obstinações dos movimentos sociais organizados. Oportunidades foram promovidas por políticas públicas inclusivas e ações afirmativas implementadas nos últimos vinte e cinco anos, com inegáveis avanços a partir da primeira gestão do Governo Democrático e Popular. O Brasil saiu do mapa da fome, que caiu 82% nos últimos 12 anos, retirando 36 milhões de brasileiros da situação de extrema pobreza. O número de negros em universidades brasileiras cresceu 230% na última década. A renda dos 10% mais pobres avançou 106% entre 2003 e 2012.

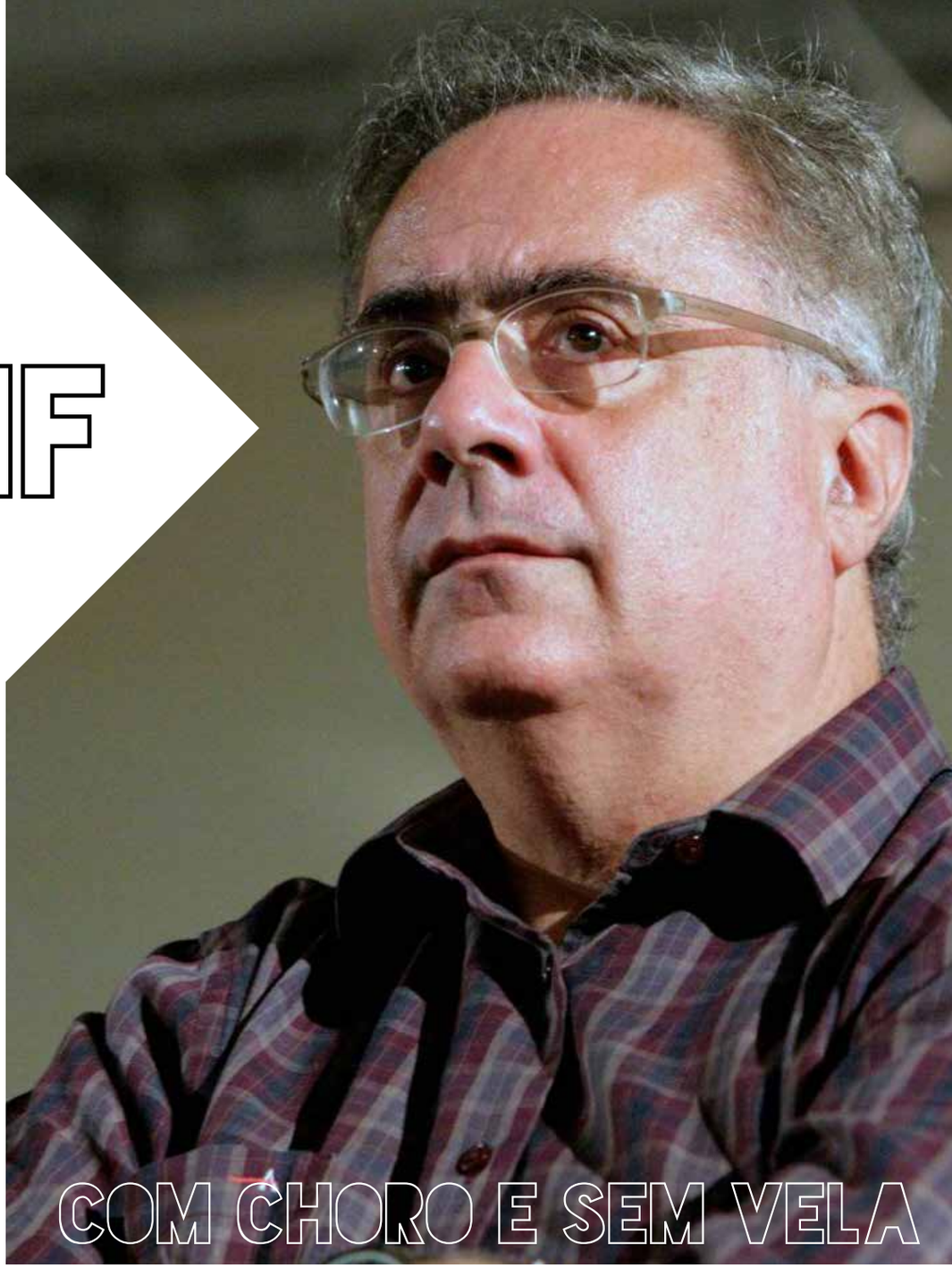
Com conquistas já internalizadas e feridas mortais, em todas essas décadas a necessidade de um aprimoramento da Declaração se expressa e concretiza com os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Surgidos em 2000 a Declaração do Milénio das Nações Unidas, adotada pelos 191 estados membros, proporcionaram diversos avanços em termos de melhoria das condições de vida da população global, e também no Brasil. Em um esforço para sintetizar acordos internacionais sobre a necessidade de acabar com a fome e a miséria, assegurar educação básica de qualidade para todos, igualdade entre os sexos e valorização da mulher, redução da mortalidade infantil, garantir a sustentabilidade ambiental e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento, os Objetivos do Milênio trazem compromissos para melhorar o destino da humanidade. Fruto de escolhas acertadas de políticas públicas por parte do governo brasileiro dos últimos 12 anos e da firme participação da sociedade, a mobilização em torno dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio resultou significativamente em todos os estados do país, tornando-nos um dos países que mais contribuíram para o alcance das metas em âmbito global, conforme indicadores da ONU.

Para promover maiores avanços, a Agenda pós-2015 reflete novos desafios de desenvolvimento. Os esforços então se voltam para alcançar um mundo de igualdade, liberdade e paz. Nesse sentido, na Rio+20 surgiram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, um conjunto de metas para redução da pobreza, promoção social e proteção ao meio ambiente a serem alcançadas até 2030.

O protagonismo das pessoas pode transformar os desejos humanos em anseios coletivos de igualdade, para superar a dominação de classe e construir um modelo econômico que possibilite oportunidades iguais com desenvolvimento sustentável. Aprofundar mecanismos participativos, como conselhos de direitos e ações afirmativas, é fundamental para fortalecer a democracia enquanto construção corresponsável de toda a sociedade. Para tanto, é imprescindível aprofundar nossa capacidade analítica, e agudizar uma mobilização social emancipadora em que as pessoas sejam protagonistas das lutas pela desnaturalização da desigualdade, por seus direitos e por sua radical dignidade.

Jacy Afonso
Sindicalista

LUIS NASSIF



COM CHORO E SEM VELA

Jaime Sautchuk

O respeitado Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira o classifica como "Compositor. Instrumentista. Bandolinista. Pesquisador de choro. Economista renomado..." e informa que ele é "frequentador do Bar do Alemão, um dos redutos do choro na cidade de São Paulo". E a gente pode desde logo acrescentar que Luis Nassif é também um jornalista muito bem informado e crítico por vocação, defensor de suas ideias, agradem aos poderosos ou não.

Seu CD "Roda de Choro", lançado em 1996, chamou atenção por trazer composições das nascentes desse gênero musical e demonstrar que a maior metrópole do país o cultiva com muito jeito, igual outras praças. Na ocasião, ele gravou autores até então quase nada conhecidos do grande público nacional. E foi acompanhado pelo grupo Nosso Choro, com violão, cavaquinho, clarinete, acordeom e pandeiro.

Os hábitos e maneiras de Nassif, hoje, são de paulistano, mas ele é mineiro de Poços de Caldas, onde nasceu em 1950. Há mais de duas décadas, por exemplo, as noites de segundas-feiras ele reserva às rodas de choro em um tradicional ambiente dos paulistas. É o Bar do Alemão citado pelo dicionário, nascido como confeitaria em 1902, na cidade de Itu, pelas mãos de uma família de imigrantes germânicos, que passou das tortas de maçã ao chope e *steinhager* e depois se firmou na capital.

Em verdade, Nassif foi pra São Paulo por causa dos estudos, aos 18 anos, passou no vestibular da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da USP, e por lá ficou. Depois de 46 anos na pauliceia, contudo, ele costuma usar a frase de Fernando Sabino ("Sou mineiro daqui mesmo.") pra dizer que mantém vivas as lembranças de Minas Gerais.

Aliás, sua infância e primeiros estudos ele relembra com carinho e humor no livro "Menino de São Benedito", finalista do Prêmio Jabuti de 2003. "São crônicas mostrando como um moleque de Poços de Caldas, morador do Largo de São Benedito, que convivia com turistas e com os congos locais, via o Brasil", explica ele.

As iniciações, tanto na música quanto no jornalismo, foram lá mesmo. Os primeiros acordes, ainda meio desajeitados, surgiram já aos cinco anos de idade, na escola de piano. Aos 10, passou a tocar cavaquinho com afinação de bandolim e depois se fixou no violão. Quando já

morava em São Paulo, porém, virou bandolinista de vez.

Na escrita, os primeiros passos foram em uma publicação de uma associação de jovens e como estagiário no jornal *Diário de Poços*. Mas a inspiração mesmo vinha do berço. Seu pai era farmacêutico, um dos fundadores do Conselho Federal de Farmácia. Mas, além do dia a dia no comércio, ele escrevia uma coluna no jornal *Gazeta de Farmácia*, em que contava causos de colegas de profissão pelos sertões brasileiros. E os artigos viravam um assunto da casa, claro, influenciando o filho e suas quatro irmãs mais novas.

Ainda estudante universitário, Nassif passou rapidamente de estagiário a repórter de Economia da revista Veja, iniciando ali uma carreira que influenciou uma geração e irritou outra. Segundo o portal Uol, da *Folha de S.Paulo*, foi ele o introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país.

Em 1979, ele deixou a revista e se integrou ao grupo que implantou o *Jornal da Tarde*, vespertino inovador do grupo Estado de São Paulo. Implantou ali a seção "Seu Dinheiro" e o caderno "Jornal do Carro", que introduziram o viés da economia pessoal na imprensa brasileira. Em seguida, foi contratado pela *Folha de S.Paulo*, onde criou a seção "Dinheiro Vivo", marco na imprensa econômica nacional, e integrou a equipe que criou o Datafolha, um gigantesco banco de dados.

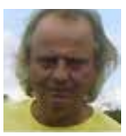
Vale lembrar que o "Dinheiro Vivo" virou também programa na TV Gazeta, como produção independente. E dali surgiu a Agência Dinheiro Vivo, que ainda hoje frequenta a telas de computadores de empresas, sindicatos, organismos internacionais e os lares dos brasileiros.

Mas, de igual modo, Nassif ganhou destaque como membro do Conselho Editorial da própria *Folha*, onde assinou coluna econômica por 15 anos, e do Conselho de Estudos Avançados da USP. Ainda na década de 1980, promoveu amplo debate com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), considerado o início do movimento de defesa do consumidor no país. E são incontáveis os prêmios que já recebeu.

Há coisa de uma década, ele adotou uma postura de severo crítico da imprensa tupiniquim. Publicou o livro "O Jornalismo dos Anos 90", sobre as mudanças na postura da mídia naquele período, e iniciou uma série de reportagens sobre como é produzida e editada (e a quem serve) a revista *Veja*. Ele afirma que essa mídia "perdeu as noções básicas de jornalismo e está em processo de degradação".

Seus julgamentos certeiros, afiados e de valor literário, provocam a ira de atingidos. Por isso, ele responde atualmente a nove processos judiciais. Seis são de outros jornalistas, dois do presidente da Câmara Federal, deputado Eduardo Cunha, e um do ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF).

Foto: Olímpio Cruz



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

PENSAR NO FUTURO É PRIORIDADE

A Prefeitura de Formosa trabalha com foco especial na educação. Com destaque na qualidade do ensino e na valorização dos professores.

Mesmo dentro do atual cenário econômico do Brasil, com corte de verbas e de repasses públicos federais e estaduais, tem honrado o compromisso do piso salarial em dia a todos os professores.

Entrega de creches
Setor Nordeste, Parque Lago e Bela Vista

Construção de 04 escolas
1 escola em Santa Rosa, 1 escola no Padre José e 2 escolas no Parque Lago

PREFEITURA DE
Formosa
Construindo uma vida melhor
www.formosa.go.gov.br

INOVAÇÃO PREMIADA

Zezé Weiss

O Brasil das experiências sociais inovadoras marcou encontro em Brasília, no último dia 10 de novembro, para a cerimônia de entrega do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, realizado a cada dois anos, para reconhecer tecnologias sociais reaplicáveis que promovam envolvimento comunitário e resultem em efetiva transformação social.

Do Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e de Minas Gerais vieram os seis projetos premiados em 2015. Cada qual recebeu R$ 50 mil para o fortalecimento do trabalho em suas comunidades.

O Prêmio recebeu 866 inscrições. Dentre elas, além das seis vencedoras, outras 12 finalistas receberam certificados de reconhecimento. No total, 154 tecnologias foram certificadas e entram no Banco de Tecnologias Sociais (BTS) da Fundação Banco do Brasil, que passa a contar com 850 tecnologias certificadas, disponíveis para consulta e reaplicação.

Para José Caetano Minchillo, presidente da Fundação Banco do Brasil, o Prêmio retrata e reconhece o valor das tecnologias sociais como instrumentos de cidadania e inclusão social. "Ao premiar projetos comunitários de excelência, abrimos caminho para que eles possam ser transformados em políticas públicas em todos os níveis de governo", diz Caetano.

Os grandes desafios para os anos seguintes? "Fortalecer a Rede de Tecnologias Sociais (RTS), em processo de regulamentação via PLS 111 no Congresso Nacional, pela formação do Comitê Interministerial de Tecnologias Sociais, e pela reaplicação das tecnologias premiadas", finaliza Caetano.

VENCEDORAS

Amazonas: o projeto Sistema de Acesso à Água Pluvial para o Consumo de Comunidades Extrativistas, que leva água potável a famílias extrativistas do município de Carauari, venceu na categoria Comunidades Tradicionais, Agricultores Familiares e Assentados da Reforma Agrária.

Ceará: o projeto Pirambu Digital, por meio do qual uma cooperativa de Fortaleza capacita jovens para o mercado de trabalho, foi o vencedor da categoria Juventude.

Minas Gerais: um jogo da memória que auxilia no ensino e na aprendizagem de Libras fez com que o prêmio na categoria Universidades e Institutos de Pesquisa fosse para o projeto Librário: Libras na Escola e na Vida, de Belo Horizonte.

Rio Grande do Norte: a categoria Mulheres foi vencida pelo projeto Água Viva: Mulheres e o Redesenho da Vida no Semiárido do Rio Grande do Norte, que consiste no desenvolvimento e na aplicação de tecnologia para o reaproveitamento de água em Mossoró.

Rio Grande do Sul: o prêmio da categoria Gestores Públicos foi para o projeto Água Limpa – Desafio para o Desenvolvimento Consciente e Sustentável, que promove o saneamento básico na área rural de Caxias do Sul.

Rio de Janeiro: O Censo Maré, feito pelos moradores da comunidade da Maré, foi o vencedor na categoria Tecnologias Sociais para o Meio Urbano.

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

MEIO AMBIENTE NA ESCOLA

Tatiana Silva Hiramatsu

O documento Parâmetros Curriculares Nacionais é um guia para a elaboração de abordagens disciplinares. Para o ensino fundamental, estabelece o meio ambiente como tema transversal. Ou seja, a Educação Ambiental deve permear todo o conjunto de atividades escolares.

Em meio a aulas intermináveis de Matemática, Ciências, História, Geografia, estudar o meio ambiente permite subir em um tapete verde voador e passear entre nuvens de possibilidades. É ter a chance de conhecer trechos de filmes como Avatar, de documentários como o Sal da Terra, de visitar um Jardim Botânico, ou botar a mão no solo e plantar uma horta na escola.

No Brasil, a Educação Ambiental está presente desde a década de 1960, com atividades de "estudos de meio". Na década de 1970, a Ciência apresentou ao mundo o termo ecologia que, em conjunto com movimentos ambientalistas, veio em um crescendo, ressonando nas escolas o seu significado: ecologia (do grego: oikos "morada" e logos "estudo"). Passamos, então, a adotar o termo Educação Ambiental.

A Constituição Federal de 1988 tornou a Educação Ambiental mandatória, devendo ser garantida nas escolas em todas as esferas de governo: federal, estadual e municipal (Art. 225, parágrafo 1º, inciso VI). Por todo o país, nessa linha do tempo, educadoras e educadores têm se engajado na promoção da consciência socioambiental.

Em termos internacionais, a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi (Georgia, 1977) evidenciou o posicionamento das lideranças mundiais quanto ao poder transformador da consciência ambiental por meio da educação. Alguns dos princípios estabelecidos em Tbilisi formam a raiz das orientações didáticas adotadas nas escolas brasileiras: o meio ambiente deve ser considerado em sua totalidade, a construção do processo educacional deve ser permanente, e o enfoque interdisciplinar deve ser valorizado.

Duas das principais conferências internacionais ocorreram no

Brasil: Rio 92 e Rio+20. A questão ambiental, porém, deve ser tratada de forma interdependente, uma vez que as ações em sua localidade, em um Estado, podem alcançar resultados que ultrapassam fronteiras.

É importante, portanto, fazer uma abordagem sistêmica da problemática ambiental, sabendo que a "construção de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado" requer "responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário" (Agenda 21, Rio-92). São interações entre as partes que trazem as melhores respostas e soluções, não o trabalho isolado de cada uma das partes.

Por isso, a educação é indispensável à transformação da consciência ambiental: na formação de cidadãos e cidadãs do mundo dispostos a unir, não a separar; a integrar, não a destruir, tornando possível uma geometria simétrica do poder tanto de tomar decisões quanto de implementar uma solução de equidade.

Por meio da Educação Ambiental aprende-se a relacionar indivíduo, meio e comunidade. Aprende-se também a cumprir obrigações, a demandar e respeitar os próprios direitos e os dos demais. Aprende-se a encontrar e a prover acolhimento, ampliando a qualidade de relações intra e interpessoais no meio socioambiental.

Embora a educação e a consciência ambiental sejam requisitos para a formação de cidadãos e cidadãs capazes de governar países, empresas e famílias de maneira sustentável, a educação, por si só, não é o bastante para mudar o curso das políticas mundiais, mas é condição elementar para que a mudança necessária ocorra.

O entendimento consciente implica mexer com crenças arraigadas. Em reconhecer que os bens da Terra são patrimônio de toda a humanidade e um direito das gerações futuras. Desenvolver conhecimentos, habilidades de cuidar e atitudes proativas pode trazer importantes consequências sociais.

Tatiana Sila Hiramatsu
Professora e Tradutora

Quer ver mais fotos como esta?
Siga **@revistaxapuri NO INSTAGRAM**

Quer sua foto publicada nas páginas da revista Xapuri?

Marque nosso perfil nas suas melhores fotos, e a sua imagem poderá ser publicada no nosso perfil e exibida aqui!

foto mais curtida

O UIRAPURU

Lúcia Resende

Era uma vez um jovem guerreiro índio, chamado Quaraçá, que morava com sua gente na floresta amazônica e adorava passear pelas matas tocando sua flauta de bambu. O som ecoava entre as árvores e fazia calar os bichos. Todos gostavam de escutar aquela música.

Um dia, enquanto passeava pela tribo, o jovem Quaraçá achou de se apaixonar pela belíssima Anahí, que era casada com o cacique.

O jovem sabia que o seu amor era impossível, e logo a tristeza tomou conta dele. De tanto sofrer, nem queria mais tocar a sua flauta.

A tristeza o consumia. Foi aí que ele resolveu pedir ajuda ao deus Tupã. Foi para o meio da floresta, tocou, tocou muito aquela flauta. Chorava e cantava e pedia ajuda. Tupã ficou sensibilizado com o sofrimento do jovem e resolveu ajudar, transformando-o num pequeno pássaro colorido (vermelho e amarelo, com asas pretas), de belíssimo canto, e deu-lhe o nome de Uirapuru.

Naquele dia, Uirapuru voou pela floresta, voltou à tribo, cantou, voou de novo. E assim passou a fazer todos os dias, encantando a todos com seu forte e lindo canto. Toda vez que via a amada, ele pousava e cantava pra ela, que ficava maravilhada com o som daquele pequeno e lindo pássaro.

Com o tempo, o cacique da tribo também ficou encantado com o canto Uirapuru. Queria que ele ficasse cantando ali, pra sempre. Quis aprisioná-lo, fez uma arapuca, foi a sua procura e perdeu-se na floresta. Dele, ninguém mais teve notícia. Dizem que foi castigo do Curupira, o protetor dos bichos da floresta, que não pode ver animal sofrendo sem ficar danado de bravo.

A bela Anahí ficou sozinha, mas nem teve tempo pra tristeza, porque o Uirapuru chegava ali todos os dias, com aquele canto lindo, pra consolar a amada. Mais que isso, ele soltava aquele canto triste, porque acreditava que, assim, ela poderia descobrir quem ele era, e isso quebraria o encanto. Mas o que se sabe é que ele continua cantando nas matas até hoje...

Diz ainda a lenda que o Uirapuru é um pássaro mágico que traz muita sorte. Acredita-se que, quem conseguir vê-lo cantando, é só fazer um pedido que o pássaro realiza.

Pelo sim, pelo não, melhor não desperdiçar a oportunidade. Encontrando o bichinho, melhor ficar em silêncio e torcer pra ele soltar o mavioso canto. E fazer o pedido, claro!

Lúcia Resende
Professora.
@mluciares

SAÚDE PÚBLICA
justa e de qualidade

A defesa e o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) exigem ação política firme e articulada, em prol de uma saúde igualitária para todos. Este é o posicionamento do movimento sindical, que destaca a importância da mobilização popular e unidade do país, neste momento em que o sistema de seguridade sofre ataques de setores conservadores e do mercado visando a sua destruição, com ameaças de terceirização e falta de verba.

Para os dirigentes sindicais, o SUS é a maior política pública de justiça social, de direitos humanos e sociais do país. Um balanço dos últimos 27 anos revela que a saúde da população brasileira melhorou acentuadamente após a sua criação. Porém, problemas econômicos, políticos e sociais ainda não equacionados colocam em risco a sua consolidação.

"O SUS é uma das principais conquistas sociais, fruto da luta do povo brasileiro e o maior sistema público de saúde do mundo, contemplando cerca de 150 milhões de pessoas. Por isso, temos de defendê-lo e fortalecê-lo", destaca o presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, **Eduardo Araújo**, acrescentando que é preciso construir uma coesão para que a sociedade tenha saúde pública justa, saudável e de qualidade, "um direito universal e integral".

RIO ARAGUAIA A HISTÓRIA DE UM VELHO COM VÁRIAS FEIÇÕES JUVENIS

Altair Sales Barbosa

A noção de que um rio "novo" é aquele que ainda está definindo o seu leito principal não é correta, como também não é correto calcular a idade de um rio tomando como base a quantidade de sedimentos que transporta, ou simplesmente atribuir a idade a um rio pela idade geológica dos terrenos percorridos por suas águas.

Meandros abandonados, ao invés de significarem indícios juvenis, podem significar indícios de longevidade, são capítulos da história evolutiva de um rio. O transporte e o depósito de sedimentos dependem das formações geológicas regionais e das feições geomorfológicas. Se a idade geológica dos terrenos fosse também o único padrão utilizado para determinar a idade de um rio, isso causaria uma extrema confusão. O rio Araguaia, por exemplo, percorre terrenos da idade Paleozóica com milhões e até bilhões de anos, assim como percorre terrenos de idades bem recentes, que ele próprio formou pelo transporte de sedimentos, que às vezes não atingem o tempo de um século.

A idade de um rio é definida por vários fatores: pela largura e extensão de sua bacia, pelos fenômenos geológicos ocorridos, pela arqueologia das paisagens, ou seja, a história evolutiva que possibilitou a organização das paisagens atuais. Entretanto, nada disso é compreensível, se não tivermos em mente que um rio não avança para baixo, mas para cima, sempre à montante.

Nessa perspectiva, o rio Araguaia pode ser considerado como um dos mais antigos da história hidrográfica moderna da América do Sul. Teve suas origens associadas aos fenômenos de ordem geológica, climática e geomorfológica que formaram as paisagens modernas do planeta, ou seja, as paisagens que existem atualmente e que se consolidaram a partir de

35 milhões de anos Antes do Presente. Essa idade é apenas uma fração em relação às primeiras paisagens da Terra, que datam de 4 bilhões e 600 milhões de anos, mas, por outro lado, é o mais antigo capítulo evolutivo da história recente do planeta.

A história do Araguaia antecede a história do Cerrado, mas foi consolidada a partir dos fenômenos que permitiram a formação deste Sistema Biogeográfico. Os movimentos de origem tectônica que formaram o Planalto Central Brasileiro mudaram a direção de alguns cursos d'água que hoje correm para o Araguaia e possibilitaram que o próprio rio Araguaia começasse uma trajetória que o levasse através do Tocantins/Amazonas até o Oceano Atlântico.

O rio Araguaia nasce em território goiano ao norte de uma extensão de área sedimentar de idade Mesozoica denominada geologicamente Bacia Sedimentar do Paraná, em cotas próximo a 900 m, na região do Parque Nacional das Emas, no Município de Mineiros.

No curso de seus primeiros 300 km, o rio Araguaia se faz em rochas sedimentares, com seu vale bem encaixado, seguindo estrutura tectônica dessas rochas, até atingir a Planície do Bananal-Araguaia, próximo à cidade de Aragarças e Registro do Araguaia.

A principal feição geológica nesse trecho é o Domo do Araguainha, que é uma estrutura de impacto de meteoro que, embora tenha seu núcleo de impacto em Mato Grosso, na cidade homônima, possui grande reflexo em território goiano.

A partir do início da Planície do Bananal, afloram em seu leito rochas gnáissico-granítica e vulcano sedimentares, de idade Pré-Cambrianas, que formam o embasamento ou substrato da grande Bacia Sedimentar do Paraná.

Desde sua nascente, por anomalias geológicas, o rio Araguaia desce de cotas de 900 m para cotas próximo de 300 m, adquirindo feições de rio juvenil encaixado, passando, a partir da Planície, a desenvolver seu percurso sinuosamente em meandros por toda a Planície do Bananal-Araguaia, evidenciando assim formas geomorfológicas com características de rio de curso normal. As rochas que afloram a partir da planície são Cenozoico/Quaternárias, de deposição recente, em contato sobreposto às rochas Pré-Cambrianas.

A Planície do Bananal-Araguaia é uma extensa fossa tectônica em atividade, que tem o seu fundo, já subsidio em aproximadamente 5.000 m desde o período Cretáceo e continua neste processo dinâmico de movimento descente.

O comportamento dessa fossa termina na ponta norte da fossa tectônica, já no estado do Tocantins, extremo norte da Ilha do Bananal.

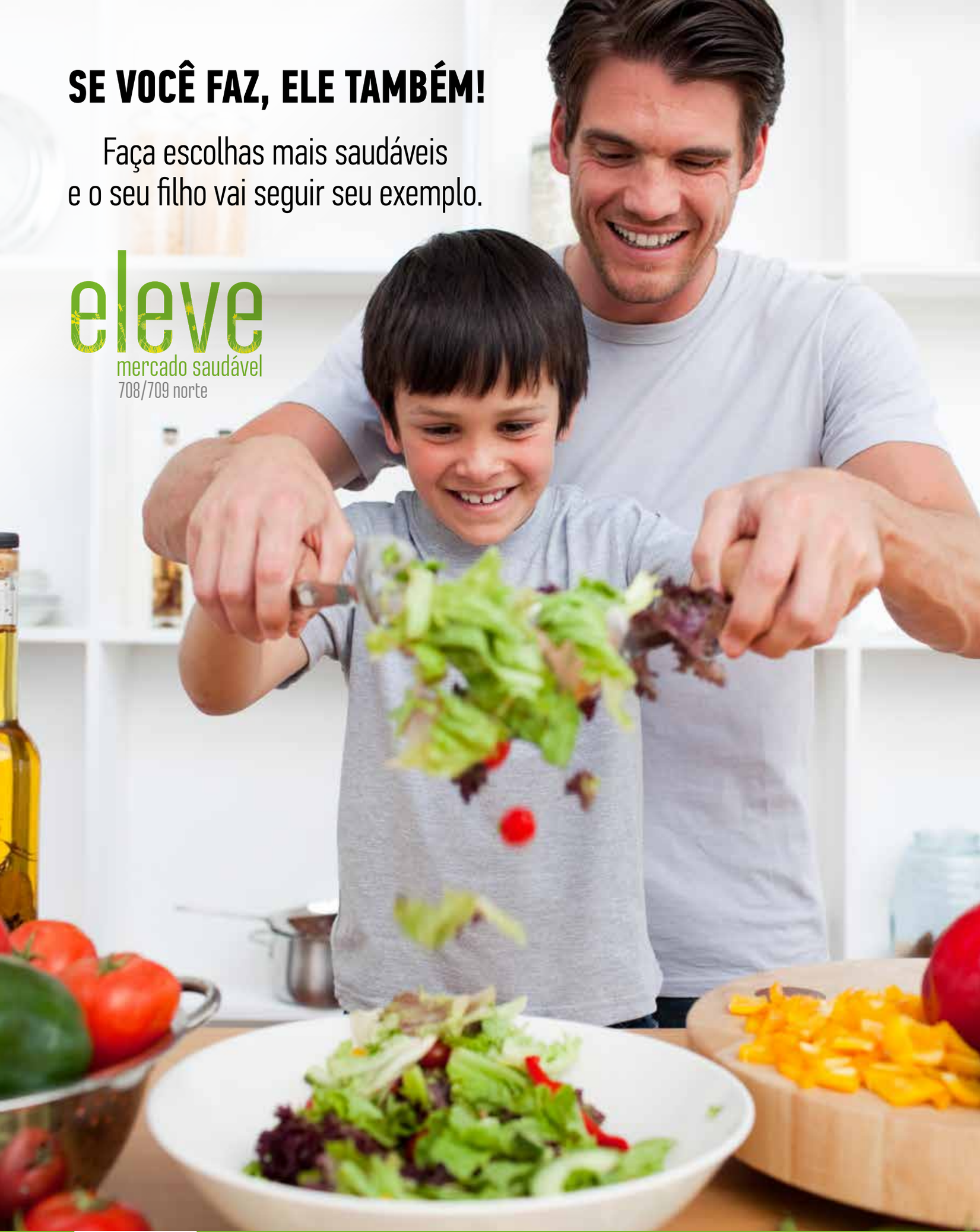
A partir daí o rio adquire uma nova feição de rio juvenil encaixado em rochas estritamente Pré-Cambrianas até sua barra no rio Tocantins, junto à cidade de Marabá, na região conhecida como Bico do Papagaio.

Altair Sales Barbosa
Professor, Pesquisador do CNPq, Doutor em Antropologia e Arqueologia pela Smithsonian de Washington DC

SE VOCÊ FAZ, ELE TAMBÉM!

Faça escolhas mais saudáveis
e o seu filho vai seguir seu exemplo.

eleve
mercado saudável
708/709 norte



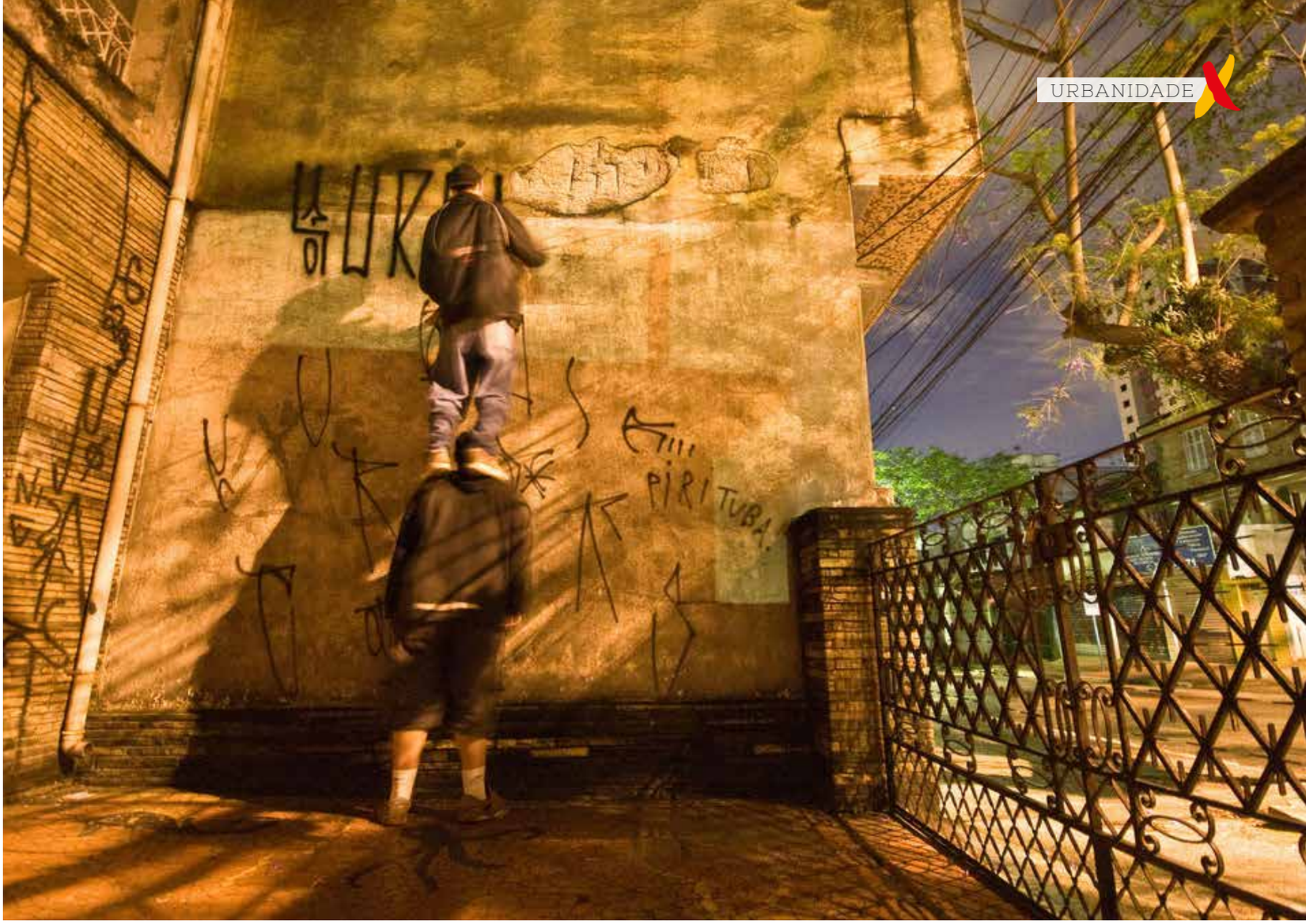


Foto: ChoquePhotos

RUAS DE NINGUÉM

Antenor Pinheiro

É característica do brasileiro conceber o bem público como "coisa" que a ninguém pertence, quando na verdade tudo que é público é patrimônio de todos, e por esta razão merecedor do cuidado e zelo de todos que convivem em sociedade. Não se trata de capricho de uma população pouco educada e desinformada, mas realidade induzida pelo próprio poder público, cujas ações aprofundam essa adversa percepção que se expressa a cada passo que se dê nas ruas das cidades brasileiras.

Tome-se o recorrente desprezo pelo planejamento urbano que por lei deveria dirigir o desenvolvimento das cidades em seus territórios urbano e rural. Planos até existem, mas aqui no Brasil teimamos em não concretizá-los, a despeito de serem bons no aspecto geral. Peca-se pelo excesso de leis, regulações e metas que, quando merecem a devida atenção, geralmente não encontram o êxito desejável em razão da contumaz descontinuidade das gestões seguintes. Chega a ser paradoxal um país ocupar o escore das 10 maiores economias do mundo e ainda conviver com carências básicas como mobilidade, poluição, saneamento, violência urbana, não obstante possuirmos instrumentos e tecnologias para sua definitiva superação.

Realidade assim leva as pessoas a não conviverem em plena comunidade, amedrontadas e desmotivadas que estão com sua cidade de espaços inseguros, perigosos, encardidos, esteticamente pouco atraentes e de serviços ineficazes. Isso leva a uma situação grave, pois as

pessoas passam a ter condutas agressivas e a se esconder na sua própria cidade. "Não mais ocupam seus espaços públicos, não se encontram nas ruas, se locomovem enclausuradas em seus carros, interagem apenas em shopping centers", como bem sugerem as anotações dos urbanistas Carlos Leite e Juliana Marques (Cidades Sustentáveis, Cidades Inteligentes, Editora Bookman, 2012).

Esse preocupante sentimento está se cristalizando ao longo da história da formação das comunidades urbanas e corrompe o sentido de urbanidade que deveria unir as pessoas em seu território, especialmente em suas ruas. Rapidamente o fenômeno pode culminar na morte das cidades, pois, ao contrário do que se imagina, não são as pessoas que estão evitando ocupar e conviver nas ruas das cidades, mas sim o tipo de cidades que estamos construindo é o que enclausura sua gente.

Logo, a inépcia e desprezo com que são geridas as cidades brasileiras é que as tornam estúpidas e violentas, egoístas, individualistas, consumistas e burras, a ponto de produzirem nichos de discórdias, rixas gratuitas, grupos hostis. Em lugar de jardins, concreto e asfalto; em lugar de convivência, gangues e exclusão. Maculam o significado das ruas, cujos espaços sagrados formam as esquinas e balizam as praças às quais deveriam confluir gente de todos os lados.

O que anda acontecendo com as ruas de Goiânia, capital goiana (só pra ficar num exemplo), cabe perfeitamente nesse figurino. Por serem as ruas espaços públicos, seus viventes lhes deferem o desprezo e usurpam o direito à sua justa utilização.

Nos referimos à sombra. Isso mesmo, a sombra das árvores plantadas nas proximidades dos cruzamentos semaforizados. Aqui impera o manjado comportamento do "primeiro eu, o resto que se f...". É quando o motorista imobiliza seu automóvel sob a mancha de sombra desenhada no leito da rua para se proteger do sol, sequer importando a distância a lhe separar do cruzamento. Não precisa ser técnico para deduzir que esta reprovável atitude é um dos fatores a contribuir para o agravamento das retenções de fluxo de trânsito. E assim as tensões surgem nas ruas, reproduzindo o egoísmo sem fim.

Como se não bastasse, nas "ruas de ninguém" bares, restaurantes e galerias passaram a invadir seus leitos privatizando-os para a prestação de serviços de manobristas por empresas "especializadas". Delimitam fisicamente bons espaços viários à frente de seus negócios, instalam uma plaquinha de serviços de "parking", plantam ali um senhor de terno e gravata para se lhes acomodar o automóvel, e pronto! Emprestada está a sensação de pertencer ao primeiro mundo. Para os que têm preocupação social, no mínimo uma concorrência desleal com os "flanelinhas". Para os que militam pelo bom senso coletivo, a dor de observar a cidade cada vez mais corrompida, cada vez mais confinando as pessoas.

Antenor Pinheiro
Jornalista, Coordenador da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) Regional Centro-Oeste.

MINHA CAPITAL

SIGA o MAIOR Instagram SOBRE BRASÍLIA:

@MinhaCapital

Aproveite suas férias.
Deixe sua casa sob nossos cuidados.

TASS

61 3033 3333